

# A animação bíblica da escola católica

## A catholic school bíblical animation

Valéria Andrade Leal\*

**Resumo:** Documentos pós conciliares da Igreja, dentro os quais destaca-se o Documento de Aparecida e a *Verbum Domini*, apontam para a centralidade da Palavra de Deus em toda a ação pastoral e também na vida do cristão. Enquanto católicas as escolas confessionais que se inserem na missão da Igreja também são interpeladas a ter a Palavra de Deus no centro de sua ação educativa. Assim, o texto que segue apresenta diretrizes para a elaboração de um programa de formação bíblica que colabore na construção de um “pensar bíblico” em toda escola católica. Tal acarretaria a efetivação da animação bíblica da ação educativa a partir de uma leitura atenta, orante e performativa. Para tanto, a proposta do “pensar bíblico” implica partir da ótica da Bíblia, considerando todo seu processo de formação e sua variada constituição para ler a escola a partir da Sagrada Escritura e buscar o encontro com Jesus Cristo e a atualização da Palavra de Deus.

**Palavras-chave:** Escola Católica; Sagrada Escritura; Animação Bíblica; Formação Bíblica.

**Abstract:** Post conciliar documents of the Church, in which we highlight the Aparecida Document and *Verbum Domini*, point to the centrality of the Word of God in all pastoral action and also in the Christian life. While Catholic, the confessional schools that fall under the mission of the Church are also challenged to take the Word of God at the center of educational activity. Thus, the text that follows presents guidelines for the preparation of a program of Bible education to collaborate in building a “biblical thinking” in every Catholic school. This would entail the realization of biblical animation of educational action from a careful, prayerful and performative reading. For this, the proposal of “biblical thinking” means from the perspective of the Bible, consid-

---

\* Mestre em Teologia pela PUCPR. E-mail: vandradeleal@yahoo.com.br.

ering their entire training process and its varied constitution to read the school from the Scriptures and seek the encounter with Jesus Christ and the update of the Word of God.

**Keywords:** Catholic School; Holy Scripture; Biblical animation; Biblical training.

## Introdução

Diversos documentos da Igreja Católica ocupam-se do tema da educação. A escola católica é entendida como participante da missão de evangelizar, pois “insere-se na missão salvífica da Igreja e especialmente na exigência da educação na fé”<sup>1</sup>. Empenha-se em levar o jovem a “viver coerentemente as exigências do batismo” (EC 12), inserindo-se e formando comunidades cristãs autênticas. Isso se dá, especialmente pela oferta de uma educação libertadora<sup>2</sup> e também pelo anúncio de Jesus Cristo vivo, pela pregação e o testemunho.

Com a missão de ser escola e anunciadora de Jesus Ressuscitado a Escola Católica procura ser um ambiente propício para o encontro pessoal com Cristo, “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6), mediante a formação da personalidade centrada nos valores do Evangelho e o anúncio explícito, apresentando Jesus como referência<sup>3</sup> e modelo a ser seguido. A evangelização encontra seu espaço na educação pelo testemunho de vida, pela formação de opiniões que levam a práticas libertadoras, pela articulação entre ciência e fé, além de estar sempre pautada nos valores humanos e cristãos que fundamentam a práxis católica. Assim é possível ajudar o jovem a tomar decisões com base em ideais e princípios coerentes com a proposta do Evangelho.

---

<sup>1</sup> Congregação para Educação Católica. Escola Católica, n. 9 (Citada com a sigla EC).

<sup>2</sup> O termo *remete* foi explicado em Medellín (1975, p. 50): “Nossa reflexão sobre este panorama conduz-nos a propor uma visão da educação mais conforme com o desenvolvimento integral que propugnamos para nosso continente; chamá-la-íamos de ‘educação libertadora’, isto é, que transforma o educando em sujeito de seu próprio desenvolvimento”.

<sup>3</sup> CELAM. *Documento de Aparecida*, n. 336 (Citado com a sigla DAP)

Para cumprir tal missão, todos os envolvidos no processo educativo devem estar conscientes desta tarefa e imbuídos do desejo de fazê-la acontecer em cada ação realizada. Para isso, o presente estudo propõe fomentar a animação bíblica da escola católica a partir de um plano de formação para educadores que impulse um “pensar bíblico”, uma nova mentalidade, de acolhida, de abertura do novo, de respeito, de busca por aprender, de saber ouvir a si mesmo, ao outro a Deus. Trata-se de partir da ótica da Sagrada Escritura e deixar que ela seja Palavra de Deus na vida de cada um e em toda a ação educativa na escola católica.

## 1. Animação bíblica: proposta e compromisso para a escola católica

É insistente o apelo da Igreja Católica na América Latina para que a ação pastoral conduza ao encontro com Jesus Cristo.<sup>4</sup> O Documento de Aparecida (n. 246), afirma que este encontro “realiza-se na fé recebida e vivida na Igreja” e é graça do Espírito Santo. O texto apresenta quais são os lugares desse encontro, a saber: a Palavra, a liturgia, os sacramentos, sobretudo Eucaristia e Reconciliação, a oração pessoal e comunitária, a comunidade e os pobres, aflitos e enfermos. Grande destaque tem a Palavra de Deus, pois “desconhecer a Escritura é desconhecer Jesus Cristo e renunciar a anunciá-Lo” (DAp 247). Também o Sínodo dos Bispos (2008), “afirmou várias vezes a importância da pastoral nas comunidades cristãs como âmbito apropriado onde percorrer um itinerário pessoal e comunitário relativo à Palavra de Deus, de modo que esta esteja verdadeiramente no fundamento da vida espiritual”<sup>5</sup> (VD 72). Desta forma a Sagrada Escritura coloca-se no centro da vida do cristão e da atividade pastoral. Fala-se então da animação bíblica da pastoral inteira (VD 73).

A animação bíblica da pastoral vai muito além de projetos de formação bíblica, cursos de meditação e oração com a Palavra de

<sup>4</sup> Cf. DAp 11.

<sup>5</sup> IGREJA CATÓLICA. Papa (2005-2013: Bento XVI). Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, n. 72 (Citado com a sigla VD).

Deus, mas trata-se de um jeito de fazer pastoral que parte da leitura, da escuta, da oração, da vivência da Palavra em todos os momentos e em todas as ações. “Animação” é dar alma, vida. Animação bíblica da pastoral seja na paróquia, seja na Escola Católica é colocar a Palavra de Deus como alma, força motor de todas as atividades. Trata-se de uma de chegar-se à Palavra de Deus com novas disposições, tendo-a como “a inspiração de todo o *ser e agir (sic)* evangelizador” (CNBB, 2012, n. 34). Para isso, requer-se abertura e despojamento dos conceitos e preconceitos que até então impulsionaram a ação evangelizadora.

Para que aconteça a animação bíblica da pastoral, os Bispos do Brasil (CNBB, 2012, n. 36) propõem três eixos: formação, oração e anúncio. Com isso querem ressaltar que não basta ler ou estudar a Palavra de Deus, mas ouvir o Senhor e testemunhá-lo de forma que a animação bíblica estenda-se à vida e à pastoral. Três eixos que são indissociáveis.

Voltando-se para a Escola Católica e seu compromisso evangelizador a questão da animação bíblica apresenta-se como apelo desinstalador, pois sendo parte da Igreja Católica é chamada a repensar sua prática educativa a partir da Palavra de Deus. Por essa razão, o intuito é propor um projeto de formação bíblica na escola que seja um convite à oração enquanto relacionamento com Deus e gere uma nova mentalidade, um “pensar bíblico” que fomente atitudes concretas de verdadeiros discípulos missionários.

### 1.1 Mudança de pensar

A Escola Católica encontra sua missão específica na própria missão da Igreja de conduzir à salvação, que é Jesus Cristo (EC 9). A concepção cristã do mundo e da realidade é a grande diferença desta instituição em relação às demais unidades educacionais. A catolicidade da escola se dá por sua centralidade na pessoa de Jesus Cristo, seus ensinamentos, seu jeito de viver, que é aberto para estabelecer relação com todos. Esse foco não pode ser abdicado, pois, “sem a referência constante à Palavra e sem o renovado encontro com Cristo, a Escola Católica perde o seu fulcro” (EC 55). A Palavra de Deus, sobretudo o Evangelho, se apresenta como manual básico da comunidade

educativa católica, formada por pais, professores, pedagogos e demais profissionais.

Diante disso, coloca-se o desafio de introduzir a Escritura na escola de forma que ela seja de fato a alma da ação evangelizadora e educativa. A partir da pesquisa em uma rede educativa católica, chegou-se à premência de promover uma mentalidade bíblica na escola, o que aconteceria mediante a formação e a oração enraizadas na Escritura. Nesta, a leitura e a oração da Escritura seriam também leitura e oração da prática e educativa uma vez que algumas características e hermenêuticas da Bíblia seriam colocadas como paradigmas da realidade da comunidade educativa. Para isso, o ponto de partida seriam alguns princípios norteadores, ou chaves de leitura, que iluminariam todas as atividades na escola. Aos teólogos e biblistas, estas chaves de leitura pareceriam muito elementares. Entretanto, ao propô-las, o que se pretende não é apenas um curso de como ler a Escritura, mas, a partir da Palavra de Deus, formar uma nova mentalidade na Escola Católica. O que se propõe é um “pensar bíblico”, um ver e sentir o processo educativo, as pessoas envolvidas e a realidade pela ótica da Escritura. Mais do que ler, estudar e rezar a Bíblia na escola propõe-se ler a escola a partir da Escritura.

### 1.1.1 Escritura foi escrita em multirão

Esta é a primeira destas chaves de leitura. O sugestivo título de um pequeno livro de Carlos Mesters<sup>6</sup> abre as portas para uma nova forma de ler e compreender a Escritura. Ao folhear a Bíblia, educadores e estudantes poderiam perceber a variedade de títulos de livros e identificar diferentes formas literárias. Ao ler atentamente a história de Israel ou os Evangelhos sinóticos, notam-se incongruências de informações e várias formas de relatar o mesmo fato. Aos poucos, é fácil constatar que a Bíblia contém várias teologias, ou seja, óticas diferentes de perceber a realidade e a ação de Deus na história. É construção realizada por vários grupos em épocas e situações singulares. Desta forma, uma das marcas, por assim dizer, da Escritura é a diferença, a variedade, a não padronização.

---

<sup>6</sup> MESTERS, Carlos. *Bíblia: livro feito em multirão*, 1984.

A escola é lugar de diversidade, de cultura, de aprendizado. Acolhe em seu seio as novas gerações que trazem consigo os valores familiares, seus costumes, seu conceitos de mundo e de sociedade. A Escola Católica é, igualmente, lugar de anúncio de Cristo. Neste contexto, o “pensar bíblico”, busca suscitar novas leituras da própria fé e da realidade em que se vive, bem como da ação evangelizadora realizada. A juventude, ou melhor, juventudes,<sup>7</sup> traz em si a marca da diversidade, da busca pelo novo. Assim, ao perceber que na Escritura há diversidade de ideias, de classes de pessoas e de formas distintas de relacionamento com Deus, a Escola Católica poderia olhar com nova luz a realidade escolar que se mostra diversificada.

Seriam inspiradores textos bíblicos que apontam para ação de Deus no inesperado e por meio de pessoas com pouca consideração social. Um exemplo disso é a intervenção da jovem escrava de Naamã, que discretamente abre as portas para a trama que tem por desfecho a cura do general narrada em 2Rs 5. Uma leitura da Bíblia, partindo do pressuposto de que ela foi escrita em multirão, ultrapassaria a leitura devocional e comprometeria toda a escola a acolher e respeitar as diferenças existentes em seu seio: confissão religiosa, classe social (estudantes bolsistas) e até mesmo uma nova compreensão dos saberes acadêmicos. Ademais também suscitaria a sensibilidade para a ação de Deus no avesso da história.

### 1.1.2 A Bíblia é Palavra de Deus para nós, mas foi escrita em épocas diferentes

Uma afirmação que para muitos parece óbvio torna-se verdadeiro empecilho para a leitura da Escritura por parte de muitos. Entre os profissionais da educação é imprescindível destacar que ao ler uma perícope, há que se considerar as expressões linguísticas próprias do tempo e do lugar, os usos e costumes. Descobrimo as contingências do tempo em que o texto foi escrito, pode-se compreender melhor a ação

---

<sup>7</sup> É consenso entre a maioria dos especialistas no assunto que não é adequado falar de juventude, mas sim de juventudes, como recorda Libânio (2011, p. 5), pois “cabem diversas tipologias, ao distinguirmos classes sociais, faixa etária, origem familiar, gênero, nível de escolaridade, tradição cultural, étnica e religiosa, certas condições físicas e socioeconômicas”.

de Deus não de forma miraculosa, mas sua atuação comprometida com os pobres, os pequenos e fracos e, assim, identificar mais facilmente os lugares de encontro com Deus, hoje. É o desafio de entender e atualizar a Palavra.

Um dos perigos da leitura da Escritura é o fundamentalismo, ler tudo ao pé da letra ou então, desprezar suas informações por não serem congruentes com a ciência. Entender no sentido literal cada proposição, mesmo que pareça incabível, é frequente entre grupos religiosos de todos os tempos e lugares. Compreender que o contexto social, político e religioso em que viveram os hagiógrafos influenciam na fixação escrita da mensagem revelada, ajuda a compreender que não se trata de receita de bolo a ser seguida à risca, mas sim, existe por detrás das palavras uma mensagem de salvação que precisa ser descoberta através de uma leitura orante, no Espírito que a escreveu (DV 12), ou seja, pela ótica da fé. Além disso, a Sagrada Escritura não é Palavra do passado. Está viva e atuante dentro da Escola Católica e ao seu redor. Surge então, o desafio de ler o tempo presente à luz da Sagrada Escritura de forma nova e comprometida, como foi a Palavra pronunciada em seu contexto bíblico.

Sendo a escola o lugar de transmissão e produção do conhecimento, esta chave de leitura abre também espaço para o diálogo com as ciências, a geografia, a história, a arqueologia. É oportunidade para suscitar maior interesse pelo texto sagrado de forma amadurecida, considerando seu caráter sagrado de mensagem a ser assimilada e suscitar, ao mesmo tempo, uma leitura racional.

Os ensinamentos de Jesus no sermão da montanha (Mt 5–7), ou as orientações de ordem moral nas epístolas paulinas, por exemplo, lidas à luz desta chave de leitura, abrem portas para a atualização da Palavra na perspectiva da liberdade e felicidade sonhada por Deus ao ser humano. Tal implica em uma nova forma de conceber e vivenciar as leis e preceitos como forma de libertar e não condenar aqueles que não agem de acordo com o padrão estabelecido. A consciência de que tempo e lugar interferem na relação com Deus, desafia a rever a própria prática pastoral e a própria vivência cristã, tendo como ponto de partida o que é essencial e não no que é aparente na religião.

### 1.1.3 A leitura da Escritura requer ouvido de discípulo

A terceira chave é, na verdade, a postura do leitor. A fé ilumina a leitura da Escritura. Deus entra em diálogo com a pessoa e diálogo implica em falar e ouvir. Tem-se muita facilidade em falar e muita dificuldade em ouvir. Para ouvir é necessário, antes, silenciar. A *Verbum Domini* (n. 66) ressalta que “redescobrir a centralidade da Palavra de Deus na vida da Igreja significa também redescobrir o sentido do recolhimento e da tranquilidade interior” e exhibe Maria como modelo de escuta.

A contemporaneidade em que são supervalorizados os mais diversos veículos de comunicação tende a certo distanciamento da tranquilidade, da escuta, da quietação. Criar espaços de silêncio no grupo e no interior de cada um é desafio que precisa ser vencido, especialmente entre os jovens estudantes, para que se possa ouvir o Senhor que se revela na Escritura e na vida. Só assim poderá acontecer o encontro com Jesus Cristo vivo, o Verbo de Deus. A partir desta chave de leitura, o educador poderá, ele mesmo, redescobrir o valor do silêncio para propor, a partir da própria experiência, estratégias para motivar os estudantes para o recolhimento e a atenção à Palavra de Deus.

Ter ouvido de discípulo é também ter disposição para ouvir o que Deus tem a dizer e não apenas buscar respostas, como se tratasse de um livro mágico selecionando, ou mesmo sorteando, textos fáceis ou induzindo o sentido destes. Uma visão geral da Bíblia e o hábito de rezar a partir dela podem ajudar a criar espaços de escuta, mesmo diante de perícopes difíceis de entender ou que exigem maior comprometimento com a própria fé e com os irmãos, especialmente os pobres e injustiçados. Aos educadores, a sequência litúrgica proposta pela Igreja Católica é uma boa opção que evita que os textos sejam selecionados para dizer apenas o que se quer ouvir ou os preceitos morais que se quer ensinar.

Assumindo uma postura de discípulo, de homem e mulher de fé, pode-se amadurecer uma espiritualidade que passe do intimismo, para a experiência do Deus que liberta de todos os condicionamentos e impulsiona a servir. Desta forma, se poderá falar com Deus, para depois falar de Deus como discípulo missionário.

#### 1.1.4 A Sagrada Escritura é a história da relação de um Deus com seu povo

Nesta mesma linha, tendo em vista o encontro pessoal com Jesus cabe ainda uma quarta chave de leitura. Já falamos que a Escritura requer ouvido de discípulo. Também o falar a Deus está presente na Escritura, como expressam, por exemplo, os Salmos e os diálogos com os profetas. Ao falar a Deus o jovem e o educador, precisam livrar-se da lógica da teologia da prosperidade e saber que cristianismo é um jeito de viver e não apenas uma fonte mágica de graças. É preciso aprender a falar a Deus como a um Pai, que se fez Pai por amor, que mostra seu rosto em Jesus, que nos conduz por seu Espírito e que quer relacionar-se com cada um, de forma a levar a termo a obra de sua criação. Isso não significa a ausência das dificuldades da vida, e estas não significam que Deus está ausente. A Escritura é repleta de exemplos de fé na prova, bem como de bênçãos oferecidas abundantemente.

Ao falar a Deus, é preciso amadurecer o conceito pós-moderno de religião como banco de resolução de problemas para conduzir ao verdadeiro seguimento de Cristo e educar para a sensibilidade de perceber a ação de Deus ao seu redor. Ilustrativo é o clamor do Sl 87 em que o salmista expressa toda sua angústia e dor ao mesmo tempo em que se reconhece necessitado do auxílio de Deus. Não obstante a beleza das orações litúrgicas e tradicionais, falar com simplicidade, a partir da própria realidade a Deus é compreensão do caráter dialogal da fé e que nosso relacionamento se dá com uma pessoa e não uma ideia, como afirma Bento XVI.<sup>8</sup>

Mas também não se pode prescindir da dimensão comunitária da fé que está ancorada na relação entre Deus e a humanidade. Ao reconhecer que Deus estabelece relação com seu povo, lembramos que a fé marca a identidade coletiva de Israel. Na Escritura, quando Deus se manifesta ou age em favor de um indivíduo é sempre em vista do bem do povo, como se pode ver na figura dos patriarcas, dos profetas, dos reis e até mesmo de alguns estrangeiros como Raab (Js 6,17) e Ciro (2Cr 36, 22). O DAp (240) ressalta que “uma autêntica proposta

---

<sup>8</sup> IGREJA CATÓLICA. Papa (2005-2013: Bento XVI). Carta encíclica *Deus Caritas est*, n. 1.

de encontro com Jesus deve estabelecer-se sobre o sólido fundamento da Trindade-Amor” que é comunhão, logo, a comunidade também é um lugar desse encontro (Ibid., 256). A escola é espaço de convivência em meio à sociedade de consumo que prega o individualismo e formas de espiritualidade intimista. A escola católica pode despertar para a importância de conviver, de relacionar-se, de estar com o outro e ser solidário às suas necessidades, de participar de suas tristezas e alegrias. Como afirma o catecismo, “não posso crer sem ser amparado pela fé dos outros, e pela minha fé contribuo também para amparar os outros na fé”<sup>9</sup>. É vital que o educador esteja convencido disso, para suscitar o desejo de crer em comunidade.

Ao perceber o aspecto relacional e comunitário do seguimento de Cristo, pela Palavra de Deus, sente-se o apelo a viver a fraternidade. Assim, desta chave de leitura também brota o compromisso com o pobre, o abandonado e excluído. A leitura bíblica, nesta ótica contribui para que se aumente a consciência de que, como testemunha o Papa Francisco, com a palavra e com a vida,

Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo (EG 187).

A sensibilidade para as necessidades do outro, especialmente os mais fracos é fruto da leitura e da oração com a Palavra, pois “a Sagrada Escritura manifesta a predileção de Deus pelos pobres e necessitados” (VD 107) e “o compromisso pela justiça, a reconciliação e a paz encontra a sua raiz última e perfeição no amor que nos foi revelado em Cristo” (VD 103). Ler a Escritura na escola significa enternecer e motivar a ações concretas de caridade não simplesmente doando coisas, mas considerando a dignidade do pobre, fazendo-se um como ele e, como Jesus, tornando-se promotor da vida e da justiça social.

---

<sup>9</sup> Catecismo da Igreja Católica, n. 166.

### 1.1.5 Escritura é um tesouro de onde se tirar coisas velhas e novas (Mt 13,51)

Uma última chave, proposta neste ensaio, implica na busca constante de formação por parte de educadores e estudantes. Não é à toa que estudiosos de diversas denominações religiosas, bem como grupos independentes se debruçam sobre a Bíblia para dela extrair informações ou alimento para a vida espiritual. Estabelecer programas de formação aos educadores e estes aos estudantes que estiverem interessados, seria de grande ajuda para que a Escritura passasse a fazer parte do cotidiano e do rol de interesses da juventude. Além disso, muitos adolescentes e jovens manifestam curiosidades por temas polêmicos presentes na sociedade e que, tem como fundo, interpretações de textos bíblicos, especialmente no campo da moral. Esclarecer alguns mal entendidos poderia romper certas resistências que alguns possam manifestar ao texto religioso e até mesmo à doutrina católica.

Enfim, outras chaves de leitura podem ser acrescentadas na medida em que cresce o interesse dos envolvidos no processo e em que toda a escola se torna mais atenta aos apelos de Deus no cotidiano. O importante é saber que é indispensável uma sólida formação bíblica, não estagnada em árduos estudos, mas contemplativa, de caráter orante, dialógico, que é próprio da Palavra de Deus. O educador deveria ser conduzido a experienciar ou aprofundar o encontro pessoal com Jesus Cristo vivo, razão pela qual a Igreja Católica e cada fiel sente-se constantemente impelido a testemunhar o amor misericordioso de Deus. Ao mesmo tempo, a Palavra de Deus torna-se critério de escolhas e julgamentos, suscita novas posturas de acolhida, de sensibilidade, de construção da justiça social que são vivenciadas e depois ensinadas na escola. Na medida em que lê a si mesma a partir da Escritura, a Escola Católica poderá ser verdadeiro centro de evangelização de crianças e jovens.

## Considerações finais

Em suma, a história do nascimento e do chamado de Samuel por Deus (1Sm 2–3), pode ilustrar o que se pretende propor. A leitura pastoral do texto mostra que tudo começa no santuário de Silo, com uma

mulher desventurada por sua infertilidade. Deus escuta seu clamor e intervém em seu favor. O filho gerado é acolhido por um sacerdote que não dera conta de educar seus próprios filhos (1Sm 2,12). Samuel, ao ser orientado pelo experiente Eli, pode ouvir a Deus e não deixou que estas palavras “caíssem por terra” (1Sm 3,19). Elementos textuais confirmam a variedade de escritores na composição do texto e as diferentes formas de entender a mensagem divina. Palavras, costumes, vestimentas próprias da época da escrita apontam para a necessidade de estudo e atualização da mensagem. O relato do chamado de Samuel (1Sm 3,1-14) que ouve a Deus é um ícone do ouvido de discípulo, bem como a relação de fidelidade à palavra de Deus estabelecida entre Ele e Samuel.

Mas tais exemplos ainda não bastam. É preciso perceber que no texto, a ação de Deus foge aos padrões convencionais: Deus não se dirige a um sacerdote idoso e respeitado, mas a uma criança, o local não é a casa de Deus em Jerusalém, a chamada não vem acompanhada de trovoadas e nuvens e a própria mensagem revelada, não seria o que se gostaria de encontrar em um livro sagrado (1Sm 3,12-14). Da mesma forma, no dia a dia da Escola Católica, nem tudo acontece como o previsto, as diferentes juventudes não correspondem ao que se esperaria em termos de padrão de comportamento, bem como os valores de suas famílias. A resposta dos estudantes às ações pastorais nem sempre condiz com as expectativas dos educadores. Diante disso, o texto bíblico indica uma mudança de paradigmas na Escola Católica. Assim como a Escritura, a escola precisa estar aberta para acolher o novo, o imprevisível, o incomum em seio para ser testemunha da bondade e misericórdia de Deus para os jovens e criar um ambiente de encontro com Jesus Cristo.

O “pensar bíblico” aqui proposto torna-se um desafio para a ação educativa da Escola Católica. A animação bíblica da pastoral precisa estar contemplada no projeto de Escola Católica com a crescente consciência de que cada educador católico é chamado a ser testemunha da fé e em cada ação educativa deve resplandecer a ação salvífica de Deus que é amor, sem limites e sem discriminações.

Ao colocar a Escola Católica ante ao apelo da animação bíblica, os horizontes se abrem para uma ação educativa toda animada pela

Palavra de Deus, tendo como ponto de partida o jeito de “pensar” da Escritura, que não é diferente, por assim dizer, do jeito de pensar de Jesus de Nazaré. Se toda a Igreja é chamada a evangelizar (EN 60), a Escola Católica também coloca-se nesta dinâmica de ser evangelizadora. No entanto, não se pode renunciar à função social da escola que é a formação acadêmica de cidadãos com liberdade e consciência para atuar na sociedade a partir dos valores humanos. Da mesma forma, é imprescindível o fato de que a educação é direito de todos o que faz dela uma instituição democrática, aberta a toda raça, religião, visões de mundo e opções de vida sejam eles favoráveis ou desfavoráveis aos ensinamentos da Igreja Católica. Neste contexto, a maior ação evangelizadora é a atitude sincera de acolhida, de protagonismo em prol da paz e do reconhecimento da dignidade de todos, motivada pela escuta atenta da Palavra do Senhor que “não faz acepção de pessoas” (Rm 2,11).

## Referências

- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. Constituição Dogmática *Dei Verbum* Sobre a Revelação Divina. In: COSTA, Lourenço (Coord. Geral). *Documentos do Concílio Ecumêneo Vaticano II*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007. pp. 347-367.
- \_\_\_\_\_. *Discípulos e servidores da Palavra de Deus na Missão da Igreja*. Brasília: CNBB, 2012. (Coleção documentos CNBB; 97).
- CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Escola Católica*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_19770319\\_catholic-school\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19770319_catholic-school_po.html)>. Acesso em: 29 jul. 2010.
- IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.
- \_\_\_\_\_. Papa (1963-1978: Paulo VI). Carta encíclica *Evangelii Nuntiandi*: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Disponível em: <[www.vatican.va/holy\\_father/paul\\_vi/apost\\_exhortations/documents/hf\\_pvi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_pvi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi_po.html)>. Acesso em: 17 mai. 2010.

- \_\_\_\_\_. Papa (2005-2013: Bento XVI). Carta encíclica *Deus Caritas est*: sobre o amor cristão. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est_po.html)>. Acesso em: 16 abr. 2013.
- \_\_\_\_\_. Papa (2005-2013: Bento XVI). Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (Documentos Pontifícios; 194).
- \_\_\_\_\_. Papa (2013-: Francisco). Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/francesco/apost-exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium\\_po.html#II](http://www.vatican.va/holy_father/francesco/apost-exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.html#II)>. Acesso em: 15 jan. 2014.
- II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 1968. *Conclusões de Medellín*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1975.
- LIBÂNIO, João Batista. *Para onde vai a juventude?* Reflexões pastorais. São Paulo: Paulus, 2011.
- MESTERS, Carlos. *Bíblia: livro feito em multirão*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 2007. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulinas; Paulus, Brasília: CNBB, 2008, 5 ed.